



REPRESENTAÇÕES DE IDENTIDADE E ALTERIDADE EM “A TENDA”, DE MARGARETH ATWOOD

REPRESENTATIONS OF IDENTITY AND ALTERITY IN “THE TENT” BY MARGARETH ATWOOD

MARIA IRACILDA GOMES CAVALCANTE

Professora da Universidade Federal do Acre (UFAC). Doutora em Letras e Teoria da Literatura (PUC-RS), Mestra em Letras, Linguagem e Identidade (UFAC) e Graduada em Letras (UFAC).

RESUMO

Neste trabalho, temos como objetivo analisar o conto “A tenda”, de Margareth Atwood (2006), como base na “Teoria dos Contextos Representativos” de Ricardo Cortez Lopes (2023, 2024) e na noção de representações coletivas e individuais de Émile Durkheim (1970; 2000; 2007), a fim de identificar como nele se configuram as relações de identidade e alteridade. A metodologia, de abordagem qualitativa e natureza básica, seguiu uma linha explicativa, pautada em procedimentos documentais, a fim de analisar o modo como os homens representam, por meio da literatura, seus mundos e sua realidade circundante. A partir deste *corpus*, organizamos as representações encontradas no interior de um quadro de referência composto pelas ideias de coletivismo e de individualismo, focalizando os espaços interno e externo à “tenda”. Constatamos, assim, que as representações de identidade e alteridade presentes no texto analisado apresentam-se como abertas e provisórias, refletindo a fragilidade inerente ao ato de escrever.

Palavras-chave: Alteridade; Coletivismo; Identidade; Individualismo; Representação.

ABSTRACT

In this paper, we aim to analyze the short story “The tent”, by Margareth Atwood (2006), as a basis on the “Theory of Representative Contexts” by Ricardo Cortez Lopes (2023, 2024) and the notion of collective and individual representations by Émile Durkheim (1970; 2000; 2007), in order to identify how relations of identity and alterity are configured in it. The methodology, with a qualitative approach and basic nature, follows an explanatory line, based on documentary procedures, in order to analyze the way in which men represent, through literature, their worlds and their surrounding reality. From this corpus, we organized the representations found within a frame of reference composed of the ideas of collectivism and individualism, focusing on the spaces inside and outside the “tent”. We thus see that the representations of identity and alterity present in the detailed text appear as open and provisional, reflecting the fragility inherent in the act of writing.

Keywords: Alterity; Collectivism; Identity; Individualism; Representation.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS; 1 “FORA DA TENDA”: A ESCRITA COMO REPRESENTAÇÃO DO COLETIVISMO; 2 “DENTRO DA TENDA”: A ESCRITA COMO REPRESENTAÇÃO DO INDIVIDUALISMO; CONSIDERAÇÕES FINAIS; REFERÊNCIAS.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A obra de Margareth Atwood tem sido alvo de diversos estudos interessados na produção literária que se alinha às múltiplas tendências da ficção de meados do século XX até as primeiras décadas do século XXI. Ao suscitar profundas reflexões sobre as representações do mundo e dos indivíduos, das relações humanas e de pertencimento a diferentes categorias identitárias, a obra de Atwood apresenta uma inserção significativa no campo acadêmico, refletindo também a diversidade de sua produção. Nesse sentido, sua escrita perspicaz inclui poema e ficção, ensaio e crônica, conto e romance, desvelando uma produção constantemente premiada, desde os primeiros anos de sua carreira, na década de 1960, dada a alta qualidade de seus textos nos diversos gêneros literários com os quais trabalha.

Ao longo das últimas décadas, a crítica tem abordado aspectos distintos e inusitados do conjunto de sua obra, apresentando-a como “a crítica cultural, a historiadora social, a ativista do meio ambiente, a porta-voz dos direitos humanos e a satirista política” (Howells, 2006, p. 1). Além de ser uma autora de *bestsellers*, mundialmente (re)conhecidos, seus textos são também ensinados em escolas e universidades espalhadas por todo o mundo em uma ampla variedade de disciplinas, dentre as quais se destacam a Literatura Inglesa, a Literatura Pós-colonial e Canadense, a Literatura Americana e os Estudos sobre Mulheres, Gênero e Ficção Científica (Howells, 2006, p. 1; Kuźnicki, 2017, p. 5; Wisker, 2012, p. 1).

Nascida em Ottawa/Canadá, em 1939, Atwood é considerada a mais celebrada autora canadense dos últimos anos, tendo publicado mais de quarenta livros, entre ficção, poesia, crítica literária e ensaios. Ao longo de sua carreira, recebeu diversos prêmios literários, dentre os quais o “Arthur C. Clarke”, o “Booker Prize”, “Giller Prize”, o “Governor General’s Award”. Além disso, foi a primeira vencedora do Prêmio Literário de Londres, tendo recebido ainda a Medalha de Honra para Literatura do “National Arts Clube” (EUA), e o título de “Chevalier de l’ Ordre des Artes e des Lettres” (França). O ativismo feminista e ecológico, além de seu trabalho de cooperação com a Anistia Internacional e com os movimentos sociais, são uma marca de sua atuação enquanto escritora engajada na luta pelos direitos humanos.

Na obra “A Tenda” (2006), uma coleção de contos escritos em prosa poética, Atwood nos apresenta uma série de pequenos fragmentos que se ligam entre si por compartilhar uma

preocupação comum, a finitude humana associada a um trabalho autorreflexivo com os processos de escrita literária. Embora não apresentem entre si nenhuma ligação em termos de linha de enredo, ou mesmo de unidade quanto ao gênero literário predominante, os contos presentes na obra revisitam clássicos da literatura ocidental em um cenário contemporâneo, ao mesmo tempo em que se voltam para o tom mais ensaístico e crítico, explorando alguns questionamentos do fazer literário. Os breves contos dessa coleção funcionam como “pedaços de tecido de tendas” que se agitam como bandeiras para chamar-nos à reflexão sobre os modos como o homem representa a si e ao outro.

O *corpus* analítico do presente estudo é composto pelo conto “A tenda”, o qual dá nome à obra e fornece pistas interessantes para compreendermos como o indivíduo representa as relações de identidade e alteridade por meio da escrita literária, focalizando a sensação de desabrigo que permeia a condição humana nessas primeiras décadas do século XXI. Sob este problema de investigação se propõe a presente reflexão ao buscar identificar como a literatura pode contribuir para pensar o ser no mundo, em sua relação de enfrentamento consigo mesmo e com o outro. Este conto constitui, assim, a mais contundente das fábulas deste volume, oferecendo uma espécie de reflexão sobre a escrita literária em meio a um mundo marcado pelo desabrigo e pelo desamparo.

Neste trabalho, temos como objetivo analisar o conto “A tenda”, de Margareth Atwood, a partir do viés da “Teoria dos Contextos Representativos” de Ricardo Cortez Lopez (2023, 2024), em diálogo com o conceito de representação de Émile Durkheim (1970; 2000; 2007), a fim de identificar como nele figuram as relações de identidade e alteridade. Para Lopes (2024), a *repraesontologia* dedica-se às representações enquanto objeto de estudo, recusando-as como meros indicadores de outra ordem de fenômenos (Lopes, 2024, p. 67). Durkheim, por sua vez, distingue as representações individuais das representações coletivas, afirmando que se estas últimas “são exteriores com relação às consciências individuais, é porque não derivam dos indivíduos considerados isoladamente, mas de sua cooperação, o que é bastante diferente” (Durkheim, 1970, p. 34). O estudioso francês reforça a importância de se estudar as representações produzidas na relação sociedade-indivíduo a partir do reconhecimento da primazia do todo sobre as partes. Desse modo, ao tomarmos o conto de Margareth Atwood como objeto deste estudo, assumimos a importância das evidências empíricas presentes no texto literário, porém o foco não recairá sobre as regularidades dessas evidências, mas sobre as regularidades da representação em si (Lopes, 2024, p. 67).



A metodologia, de abordagem qualitativa e natureza básica, seguiu uma linha explicativa, pautada em procedimentos documentais, a fim de analisar o modo como os homens representam, por meio da literatura, seus mundos e sua realidade circundante. Organizamos as representações encontradas no interior de um quadro de referência, a saber, uma ideia de coletivismo e outra de individualismo. Nessa perspectiva, as várias identidades, sejam elas de um sujeito ou de um lugar, tornam-se abertas e provisórias, sendo imprescindível uma leitura das representações coletivas e individuais, tendo em vista que “o grupo não é constituído da mesma maneira que o indivíduo, e as coisas que o afetam são de outra natureza” (Durkheim, 2007, p. XXIII).

A metáfora primordial da obra remete a uma comparação entre a “arte de escrever” com o ato de “habitar em uma tenda”, trazendo à tona a reflexão sobre a relação ambígua de liberdade e desabrigo que esta ação proporciona. Nesse olhar para o mundo que nos circunda, somos confrontados com a necessidade de pensar sobre essa sensação de “desabrigo” que marca o contemporâneo, assumindo que por mais desprotegido, estrangeiro ou exilado que o sujeito possa se sentir, esta tenda de papel que é a escrita literária ainda pode oferecer algum refúgio.

Assim, este trabalho propõe, em um primeiro momento, uma reflexão sobre a “tenda” como representação do mundo exterior, em contraste com a paisagem desértica e gelada, que funciona como uma metáfora do mundo da escrita, constantemente em processo de construção, sendo permeado pelas relações com o “outro”. Em um segundo movimento, dialogamos com a ideia da “tenda” como representação do mundo interior do indivíduo, espaço marcado pela desorientação, pela experiência poética do mundo intrínseco do protagonista, imersa em um padrão labiríntico.

1 “FORA DA TENDA”: A ESCRITA COMO REPRESENTAÇÃO DO COLETIVISMO

No conto “A tenda”, de Margareth Atwood (2006), somos confrontados com a imagem do desamparo e da fragilidade humana materializados na metáfora da “tenda”, elemento que ao mesmo tempo aponta para as representações coletivas e individuais, que tanto podem oferecer liberdade e instabilidade, fluidez e desabrigo. Neste contexto, a “tenda” funciona como uma representação das ideias de coletivismo e de individualismo, de modo que os espaços externo e interno a ela atuam como territórios de disputas entre as relações de identidade e alteridade.

A narrativa, escrita em uma bem arquitetada prosa poética, começa com o enfoque das representações coletivas, tematizando a relação de um “eu” escritor com o “outro”. Essa voz



enunciativa encontra-se “presa” em uma tenda de papel, de onde consegue sentir a presença cada vez mais próxima de feras à espreita, que a atordoam e ameaçam. Entretanto, mesmo diante do perigo iminente, este enunciador não consegue cessar seu ato de escrita, apesar da possibilidade de, talvez, sequer concluir seu registro. Diante da imprevisibilidade do que o aguarda, da vulnerabilidade do futuro de suas palavras, esta voz lança seu olhar ao espaço externo à tenda, na iminência de seu encontro com o “outro”:

Você está numa tenda. Do lado de fora, é uma grande imensidão gelada. É uma desolação urrante. Há pedras, gelo e areia, e pântanos profundos onde você poderia afundar sem deixar vestígios. Há ruínas também, muitas ruínas, há instrumentos musicais quebrados, banheiras velhas, ossos de mamíferos terrestres extintos, sapatos sem pés, pedaços de automóvel. Há arbustos espinhosos, árvores retorcidas, muito vento. Mas você tem uma pequena vela em sua tenda. Você pode se manter aquecido (Atwood, 2006, p. 155).

Por meio de representações metafóricas, Atwood constrói um cenário repleto de adversidades, a “desolação urrante”, situada em meio a “pedras, gelo e areia, e pântanos profundos”. Esta voz enunciativa descreve com detalhes ao leitor um vislumbre do que acontece “do lado de fora” da tenda. A representação do mundo exterior remete, assim, aos perigos da escrita, dado que este é um processo em que o encontro com o “outro” é incontornável. Nesta metáfora das representações coletivas, o narrador traduz a complexidade envolta no ato da escrever, atentando para a vulnerabilidade do escritor diante da possibilidade de não ser preciso em suas palavras, aceito em seus posicionamentos ou compreendido no seu revelar-se.

Diante dos sentidos que emergem deste conto, destaca-se a importância atribuída à escrita como um processo de interação social. Nesse panorama, convém destacar a reflexão proposta por Émile Durkheim acerca da criação de representações coletivas por meio do processo de efervescência. No conto de Margareth Atwood, a escrita adquire o *status* de ato sagrado, aproximando-se do que Durkheim denomina de efervescência coletiva, um processo em que as representações sociais compartilhadas se tornam capazes de promover a estimulação geral dos sentimentos sociais, mobilizados pelo mundo simbólico (Durkheim, 2000, p. 216). Ao formular esse conceito, o teórico francês assinala que a experiência dos indivíduos no corpo da vida social é sempre marcada por uma junção da vontade e da energia psíquica, sobretudo se esses sujeitos estiverem em um processo de “harmonia moral” com o conjunto social a que pertencem. Desse



modo, a escrita atua como um momento de “intensificação da vida coletiva” no qual a sociedade atribui sentidos coletivos à realidade.

A narrativa de Atwood convoca ao confronto, mostrando que as certezas que temos sobre nós mesmos pode ser mera ficção, visto que “habitar em uma tenda” pode ser tão insustentável ao ponto de um simples vento desestabilizar tudo. A noção de contar histórias como um imperativo à existência domina a prosa poética da escritora canadense, apresentando um narrador refugiado em uma tenda de papel, escrevendo nas paredes para proteger os entes queridos e manter o “mundo uivante” à distância. Nesse panorama, “A tenda” dialoga com o que Pierre Ouellet (2013) identifica como a “escrita migrante”, um traço distintivo do sujeito do mundo contemporâneo, que se encontra em deslocamento constante:

Vivemos em um mundo onde as populações e os indivíduos possuem cada vez menos estabilidade. Pelas mais diversas razões, políticas, econômicas, culturais ou outras, o homem vive em deslocamento. [...] Os lugares do homem não são mais fixos nem protegidos. O homem vive desabrigado. Ele não tem mais lugar próprio onde se sinta ‘em casa’ [...]. Não há mais casa em que ele possa alojar sua ideia de homem nem sua própria pessoa; desalojada em toda parte (Ouellet, 2013, p. 145).

Essa sensação de “migrância” e “desabrigo” apontada por Ouellet constitui uma deriva do sujeito, uma condição permanente que instaura a tensão entre a “estrangeirização” e o lugar que se faz acolhida da migrância. No início da narrativa de Atwood, a tenda forma uma defesa frágil contra o deserto, pois a aparente estabilidade e abrigo logo parecem ser quebrados pela ameaça do “uivo que está acontecendo lá fora”:

Muitas coisas estão urrando lá fora, na desolação urrante. Muitas pessoas estão urrando. Algumas urram de dor porque aqueles a quem amavam morreram ou foram mortos, outras urram em triunfo porque causaram a morte dos seres amados dos seus inimigos (Atwood, 2006, p. 155).

Diante dessa ameaça, a arte de escrever e contar histórias compara-se a uma tenda de papel montada em um deserto uivante. Mas a barraca não oferece muita proteção e esse sujeito escritor olha para fora com um olhar atônito diante do remoinho. Nesse tecer de escritas migrantes, tentam-se finais consoladores, os perigos aparecem por todos os lados, mas ainda se acalanta o sonho de que pode dar certo, de poder proteger os seus:



Também é assustador. Os urros estão se aproximando de você, da sua tenda, onde você está agachado em silêncio, torcendo para não ser visto. Você está assustado por si mesmo, mas especialmente por aqueles que ama. Você quer protegê-los. Quer juntá-los dentro da sua tenda como medida de proteção (Atwood, 2006, p. 156).

No excerto em questão, evidencia-se a presença da alteridade, expressa no desejo de proteger “aqueles que ama”. A respeito dessa relação com o “outro”, Eric Landowski (2002) discute alguns pontos de tensão presentes no encontro de relações entre sujeitos pertencentes a ordens diferenciadas. Para o teórico, um dos principais fatores que nos inclui em determinados grupos são construções identitárias formuladas não apenas pelo modo como nos enxergamos, mas, sobretudo, pela forma como vemos o “outro”.

Conforme aponta Landowski (2002), um dos fatores mais importantes na assimilação de nossa própria identidade é a diferença que se instaura no instante em que nos relacionamos com os outros. A diferença apresenta-se, assim, como condição primordial da existência, pois segundo o autor, “O que eu sou é o que você não é” (Landowski, 2002, p. 25). Desse modo, é “na” e “pela” alteridade que a nossa identidade é efetivamente desenvolvida, tendo em vista que apenas o encontro com o “outro” pode nos conferir um conjunto de singularidades capazes de formular o nosso sentimento de individualidade, seja ele de caráter individual ou de pertencimento a um grupo.

Esse confronto com o “outro” no conto apresenta-se marcado pelo medo da diferença, pautado na construção do estereótipo: os outros são os “uivadores”, a ameaça. Segundo Homi Bhabha (1998), o estereótipo apresenta-se como sustentação da discriminação, pois não nega somente as representações simbólicas da vida cotidiana dos sujeitos, mas a própria intencionalidade da “alteridade”. Bhabha aponta que o conceito de “fixidez” presente no discurso colonial constitui um elemento importante na construção ideológica de alteridade:

A fixidez, como signo da diferença cultural/histórica/racial no discurso do colonialismo, é um modo de representação paradoxal: conota rigidez e ordem imutável como também desordem, degeneração e repetição demoníaca. Do mesmo modo, o estereótipo, que é sua principal estratégia discursiva, é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre que está sempre “no lugar”, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido (Bhabha, 1998, p. 105).

Nessa relação de tensão, o *lugar de origem*, marcado pela constituição de laços familiares ou relações de proximidade com o outro, é abandonado sem previsão de retorno, e no *lugar de*



acolhimento, que se torna o “exílio” – no caso do texto de Atwood, “a tenda” –, instaura-se a grande possibilidade do imaginário. Neste lugar criativo, embora frágil como o papel, torna-se possível a escrita e o abrigo, capazes de alimentar a memória e o devaneio:

O problema é que sua tenda é feita de papel. Papel que não irá impedir a entrada de nada. Você sabe que precisa escrever nas paredes, nas paredes de papel, na parte interior da tenda. Você precisa escrever de baixo para cima e de trás para frente, precisa cobrir todo o espaço disponível no papel. Parte da escrita tem que descrever os urros que soam do lado de fora, noite e dia, no meio das dunas de areia e dos pedaços de gelo e das ruínas e ossos (...) (Atwood, 2006, p. 156).

O texto de Atwood aponta para o exílio como a nova condição do imaginário e mote para as representações coletivas. Conforme aponta Pierre Ouellet, o exílio materializado por essa escrita migrante desdobra-se na memória de deslocamentos passados e “no sonho que faz de um lugar de abrigo eternamente por vir [...] o espaço aberto dos olhares e das palavras para onde convergem as verdadeiras comunidades em sua mais profunda e mais íntima movência ou transumância (Ouellet, 2013, p. 146). Nesse contexto, na prosa poética de Margareth Atwood, os personagens sem nome, ou vozes, figuram como pessoas perdidas em um lugar onde nada faz sentido e tudo é contraditório.

“A tenda” é a representação da agonia e do êxtase da escrita - mesmo para um grande escritor –, considerando a honestidade gritante desta tênue linha entre escrever e viver:

Você escreve como se sua vida dependesse disso, a sua vida e a delas. Você imprime em taquigrafias suas personalidades, suas feições, seus hábitos, suas histórias; você muda os nomes, é claro, porque não quer criar evidências, não quer atrair o tipo errado de atenção para essas pessoas que você ama, algumas das quais – você está descobrindo agora – não são pessoas, e sim cidades e paisagens, lagos e roupas que você costuma usar e cafés da vizinhança e cães há muito perdidos (Atwood, 2006, p. 157).

Todo e qualquer escritor é um migrante, mesmo os mais sedentários, tendo em vista que as viagens da imaginação, a visitação a autores de variados tempos e espaços geográficos, além dos movimentos intersubjetivos entre o “eu” e o “outro” caracterizam também uma forma de migrância. (Ouellet, 2005, p. 18-19). Nessa perspectiva, o estado de deslocamento surge como elemento preponderante no conto de Margareth Atwood, apresentando a fragilidade do sujeito que não pode ver através de suas paredes de papel e, portanto, não pode ser exato sobre a verdade lá fora, preferindo não se aventurar no deserto para verificar seus detalhes:



Você não quer atrair os urradores, mas eles são atraídos assim mesmo, como que pelo faro: as paredes da tenda de papel são tão finas que eles podem ver a luz da sua vela, podem ver a sua silhueta e, naturalmente, ficam curiosos porque você pode ser uma presa, pode ser algo que eles podem matar e soltar urros em comemoração e depois comer, de um jeito ou de outro. Você é muito visível, você se fez visível, você se traiu (Atwood, 2006, p. 157-158).

A sensação que emana da leitura deste excerto é a de permanente tensão diante da relação com os outros, representados no conto como os “uivadores”. Nessa perspectiva, observamos que a metáfora presente no texto remete à fragmentação do sujeito que se materializa também em lugares fragmentados, pois se “a cidade e as paisagens” estão divididas, os sujeitos também estão. Nesse contexto, o espaço no qual o sujeito se encontra inserido diz muito sobre si e isso influencia diretamente na possível caracterização de suas identidades. Nesse panorama, observamos que se estabelece uma troca incontornável entre espaço e sujeito, que atua tanto na configuração de um quanto do outro.

Ao afirmar que “Você é muito visível, você se fez visível, você se traiu”, o narrador aponta para a relação de constante instabilidade entre o ato de inscrever-se e o apagar-se operado pela escrita. Ao deixar-se tornar “visível” o sujeito também opera uma (auto)traição, tendo em vista que se lança sem defesa e sem máscaras diante do “outro”, como o habitante da tenda, prestes a ser devorado pelos “uivadores”. É nesse sentido que se pode dizer que o conto de Atwood traz à cena o estado de permanente deslocamento do homem contemporâneo, que desabrigado, vive a vertigem de seguir sempre em busca de sua “casa”, desolado ao constatar sempre que a “casa” está sempre a um passo da descoberta.

2 “DENTRO DA TENDA”: A ESCRITA COMO REPRESENTAÇÃO DO INDIVIDUALISMO

O conto “A tenda” trabalha, em um segundo plano, o enfoque das representações individuais. O sujeito que se encontra na tenda de papel, de sua visão turva, encerrado em seu mundo, escreve nas paredes e se dá conta de sua efemeridade e desorientação, agarrando-se desesperadamente à sua busca por “proteção”, um refúgio que nunca virá. Nesse diapasão, observamos que o sujeito deslocado está em permanente movimento, embora nutrindo o receio do



mundo “lá fora”, sente-se atraído pelo desconhecido e pela possibilidade de surgimento de uma outra identidade construída em suas relações de alteridade.

O narrador continua obcecado com sua “grafomania” em uma frágil tenda, rabiscando de um lado para o outro “por cima dos muros do que está começando a se tornar uma prisão”:

Por que você acha que essa sua escrita, essa sua grafomania numa caverna frágil, esses rabiscos de um lado a outro e de cima a baixo das paredes do que está começando a parecer uma prisão, é capaz de proteger alguém, inclusive você mesmo. Isso é uma ilusão, a crença de que essa sua garatuja é uma espécie de armadura, uma espécie de amuleto, porque ninguém sabe melhor do que você quanto frágil a sua tenda é na realidade (Atwood, 2006, p. 158).

Ao longo do conto, nota-se o emprego recorrente de algumas palavras que remetem à escrita, como “caligrafia”, “grafomania” e “garatuja”, termos que apontam para o caráter individual da escrita, uma forma de ser/estar no mundo. Como se observa na leitura do excerto acima, o escritor é visto como um guardião social, relutante, mas compulsivo, transmitindo um forte sentido da necessidade de segurança e da difusão de uma ameaça que é, supostamente, fora da tenda. Nesse contexto, o ato da escrita mantém essa ameaça em suspenso, oferecendo a possibilidade de uma reescrita radical das mitologias em torno de segurança e de produzir um ato de testemunho.

Durkheim destaca que na construção das representações individuais não são apenas as ideias às quais direcionamos nossa energia que interferem, mas “são os hábitos contraídos, os preconceitos, as tendências que nos movem sem que disso nos apercebamos, são, em uma palavra, tudo aquilo que constitui nossa característica moral” (Durkheim, 1970, p. 17). Desse modo, o ato da escrita é caracterizado no conto de Atwood como metáfora tanto da representação coletiva quanto individual, visto que nele, essas duas faces se interpenetram em um curso contínuo. Tal premissa é fundamental para compreendermos que uma representação nunca é isolada, mas apresenta-se sempre mantida e reforçada por outras representações (Lopes, 2003, p. 188). Isso porque as elas possuem a capacidade de se interpenetrarem mutuamente, promovendo combinações de acordo com as leis que as regem.

Diante da luz que emana da tenda, essa “grafomania” torna-se então um sinal para uma espécie de compulsão ou obrigação moral de testemunhar, apontando para a responsabilidade do escritor para com o público. A crença de que seus rabiscos de certo modo são uma espécie de armadura ou amuleto dá-nos a noção de que por meio da escrita somos colocados em contato com



nossa finitude, “porque ninguém sabe melhor do que você quão frágil a sua tenda é na realidade”. Essa relação entre o “eu” e o “outro” aponta também para a possibilidade levantada por Julia Kristeva (1994) de sermos estrangeiros para nós mesmos. Para a autora, essa “estrangeiridade” “começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades” (Kristeva, 1994, p. 9).

O narrador habitante da tenda, ao escrever, é levado a uma espécie de encantamento diante do desconhecido. Exatamente por isso, as criaturas selvagens se aproximam da tenda:

Já se ouve o barulho de pés forrados de couro, de rastejos e arranhões, de uma respiração estridente. O vento entra, a sua vela cai e lança uma labareda, e uma aba solta da tenda se incendeia, e pela abertura enegrecida você vê os olhos dos urradores, vermelhos e brilhantes à luz do seu abrigo de papel em chamas, mas você continua escrevendo porque o que mais você pode fazer? (Atwood, 2006, p. 158).

O conto traz à cena o confronto entre o “eu” e o “outro”, que se dá pela presença das chamas que se espalham pela tenda a partir da vela derrubada pelo vento. A imagem desse momento de desolação, incerteza e medo remete à consciência que se forma no “eu” que enuncia de que “os refúgios têm paredes porosas, onde se espalham fios sem conta e que são facilmente penetradas por ondas aéreas” (Bauman, 2001, p. 178), o que aumenta nossa percepção de estarmos indefesos e desprotegidos.

Segundo Julia Kristeva, ao versar sobre as possibilidades de contato com o estrangeiro, o ideal seria:

Não procurar fixar, coisificar a estrangeiridade do estrangeiro. Somente tocá-la, roçá-la, sem lhe dar estrutura definitiva. Simplesmente esboçar o seu movimento perpétuo através de alguns rostos disparatados desfilando hoje sob nossos olhos, através de algumas de suas imagens antigas, mutantes, dispersas na história. Tornar também mais leve essa estranheza, voltando a ela incessantemente – mas cada vez de forma mais rápida. Fugir do seu ódio e do seu fardo, não pelo nivelamento e pelo esquecimento, mas pela retomada harmoniosa das diferenças que ela estabelece e propaga (Kristeva, 1994, p. 10).

Nas escritas migrantes, um dos temas mais explorados é o estatuto identitário da figura do estrangeiro, no interior da qual se encontra o exilado, o que suscita a problematização das relações entre cultura, poder e política, já que em muitos casos o ato de deslocamento dos escritores, que se



dá não apenas do ponto de vista migratório, mas também do ponto de vista de uma atitude em relação ao mundo, deve-se ao descontentamento ou à discordância com o contexto sociopolítico do país de origem. Nesses casos, o exílio pode ser entendido como uma espécie de “ferida secreta, que, geralmente o próprio estrangeiro desconhece, arremessa-o nesse vagar constante” (Kristeva, 1994, p. 12).

Diante da condição de desamparo e iminente ameaça a que o conto de Margareth Atwood nos lança, somos levados a refletir sobre a figuração da escrita como esse abrigo de papel que ora se interpõe como um porto seguro, ora se apresenta como um espaço de instabilidade e confronto com o outro. A autora dramatiza a problemática fronteira entre o “eu” e o “outro” a partir de uma narrativa assombrada por um misterioso “você”, um ouvinte silencioso que permanece presente do início ao fim do texto: “Você está numa tenda. [...] Mas você tem uma pequena vela [...]. Você pode se manter aquecido. [...] mas você continua escrevendo porque o que mais você pode fazer?” (Atwood, 2006, p. 155; 158).

Pierre Ouellet considera que só a literatura é capaz de penetrar nas falhas e desvãos da história e da memória. Nesse sentido, ela apresenta-se como instância habilitada a proceder à anamnese ao recompor a fonte do vivido, reinventando-o, por meio da ficcionalização dos espaços vazios deixados pela história. Como afirma o teórico quebequense: “Certamente, os poetas não são os únicos a falar desse surgimento fora de si, que nos faz mergulhar entre os mundos, onde mesmo as noções de lugar e de tempo perdem seu sentido e sua pertinência” (Ouellet, 2010, p. 381).

O narrador ressalta o aspecto de individuação da voz que enuncia, questionando se a pessoa a quem está se dirigindo pode realmente ser ela mesma, em meio a um diálogo-monólogo assustadoramente confuso. Em “A tenda”, as palavras de um escritor que se fecha em si mesmo, em sua “prisão” de papel traz-nos a percepção de que a “tenda” da escrita é inescapavelmente frágil, não é uma “armadura” capaz de nos proteger do “deserto uivante” do mundo. Nesse contexto, escrever torna-se quase uma condição para “estar no mundo”, congregando uma forma de existir que perpassa obrigatoriamente pela palavra. Assim, embora o “rabisco” dos escritores os dissocie do mundo, paradoxalmente os aproxima também do “outro”.

Nesse panorama, o conto “A tenda”, de Margaret Atwood convoca-nos, assim, à reflexão sobre nossa relação do “eu” com o “outro”, chamando a atenção para um nível de deslocamento mais profundo e inescapável: a revelação de nossa indiferença, nossas visões fixas sobre o mundo e



nossa resistência a aceitar a alteridade. Neste conto, portanto, a tirania do tempo e das visões pré-concebidas são confrontadas com os limites impostos pela sociedade em suas relações entre o coletivismo e o individualismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto “A tenda”, de Margareth Atwood (2006), oferece uma interessante possibilidade para se pensar as representações coletivas e individuais a partir da metáfora da tenda como figura da fragilidade do mundo do escritor. Em primeiro plano, esta imagem criada pela escritora canadense aponta para o mundo exterior, o espaço da alteridade, em permanente processo de construção pelo ato da escrita. Em um segundo movimento, a tenda representa o mundo interior do indivíduo, o espaço da identidade, permeado pela experiência poética do mundo interno do protagonista.

Por meio de uma poética migrante, a autora nos convida a refletir sobre a sensação de desabrigo, trazendo à cena os medos e ansiedades que pesam sobre nós na atualidade. Desse modo, nos alerta para a dimensão da tarefa que teremos de enfrentar durante o presente século, se quisermos tecer com nossos companheiros, seres humanos com falhas e virtudes, os sentimentos de alteridade, segurança e autoconfiança semelhantes aos que pairam sobre a metáfora da tenda no início do conto.

O texto de Margareth Atwood nos lança, assim, diante de uma das questões mais importantes nessas primeiras décadas do século XXI, que dizem respeito tanto às políticas de identidade e alteridade que nossa história impõe quanto as poéticas do individualismo e do coletivismo. Desse modo, a escrita vibrante da escritora canadense tem como mote a reflexão ancorada nas representações coletivas e individuais, capazes de instaurar uma poética do deslocamento a partir de uma literatura que se faz como “escritura migrante”.

Nesse movimento, a existência humana se ergue como uma tenda de papel, como as páginas de um romance, que podem ser escritas, revisadas quando necessário, amassadas em seu punho, para depois serem lidas e relidas diversas vezes. Contudo, quando o sujeito estiver pronto, poderá abrir a palma de sua mão e encarar as moventes representações escritas e inscritas em suas palavras. Neste instante, sua casa de papel estará pronta para encerrá-lo mais uma vez, reiniciando o processo de busca de si e de encontro com o outro.



REFERÊNCIAS

- ATWOOD, Margaret. **A tenda**. São Paulo: Rocco, 2006.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- DURKHEIM, Émile. **Sociologia e Filosofia**. São Paulo: Forense, 1970.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- HOWELLS, Ann Coral (ed.). **The Cambridge Companion to Margaret Atwood**. Cambridge and Nova Iorque: Cambridge University Press, 2006.
- KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- KUŹNICKI, Sławomir. **Margaret Atwood's dystopian fiction: fire is being eaten**. Newcastle upon Tyne, UK: Cambridge Scholars Publishing, 2017.
- LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro: Ensaios de sociossemiótica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- LOPES, Ricardo Cortez. **Repræsentologia: fundamentos da ciência das representações**. Montes Claros: Parajás, 2024.
- LOPES, Ricardo Cortez. O queijo e os ratos: estudo das representações por meio de processos de efervescência. In: **Revista de Letras Norte@mentos**. Estudos Linguísticos, Sinop, v. 16, n.º 45, p.184-200, jul./dez. 2023.
- OUELLET, Pierre. Palavras Migratórias. In: Hanciau, Nubia; Dion Sylvie (Org.). **A literatura na história. A história na literatura: textos canadenses em tradução**. Rio Grande: Editora da FURG, 2013.
- OUELLET, Pierre. Transporte. In: BERND, Zilá. [et al.]. **Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos**. Porto Alegre: Literalis, 2010.
- OUELLET, Pierre. **L'esprit migrateur: essai sur le non-sens commun**. Montréal: VLB, 2005.



WISKER, Gina. **Margaret Atwood: An Introduction to Critical Views of Her Fiction.** London: Palgrave Mcmillan, 2012.

Recebido em: 30/07/2024 | **Aprovado em:** 02/08/2024